



Ser Monge no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

*“É feliz quem escolheis e convidais
para morar em vossos átrios”
Salmo 64, 5*

*“Coragem! Ele te chama. Levanta-te”
Mc 10,49*

Questão prévia:

Você quer ser monge beneditino? Pensa até na eventualidade de ser ordenado sacerdote?

Mas você já encontrou **realmente** a Jesus Cristo? Teve um **encontro vital** com ele? Sim, só a partir de um encontro forte, vital com Jesus, se pode pensar em entregar-se realmente a ele, sacrificar tudo por ele. Só se encontramos realmente a Jesus – o que não impede, ao contrário, isto leva a se procurar sempre mais conhecê-lo, é algo para se fazer durante toda a vida, mas sempre a partir de um encontro inicial, vital – poderemos realmente segui-lo na pobreza, na obediência, na castidade, na humildade, nas incompreensões, enfim nas dificuldades inerentes à vida, nas alegrias e tristezas. Do contrário facilmente, a qualquer dificuldade, se desiste da ideia inicial.

Mas, afinal, por que quer ser monge?

A esta pergunta responde-se de variadas formas. A resposta correta deveria ser: **“porque Deus me chama”**.

Porque eu, não sei. Sei que a vida religiosa não é fácil, me aguardam dificuldades, lutas, cruzes. Mas sei que só dizendo ‘sim’ ao chamado de Jesus, é que serei feliz.

* * * * *

Que é preciso para ser monge?

O que é necessário, antes de tudo, é, como acabamos de dizer, ter um autêntico chamado de Deus. Não somos nós que queremos ser monges, mas é Deus, é Cristo, que nos chama.

A vida religiosa não é uma “carreira”, como outra qualquer, e para a qual por vezes se opta por motivos humanos (bom salário, vida aprazível, mercado de trabalho, etc). O problema é discernir uma autêntica de uma falsa vocação, um chamado autêntico de um falso, ainda mais nos dias atuais, em que há muita falta de perseverança, muita



inconstância. Hoje se quer entrar no Mosteiro, amanhã não se quer mais; entra-se no Mosteiro, mas logo vem o cansaço, o desejo de mudança, e se sai dele com enorme facilidade...

Muitos também têm uma falsa ideia do que é um Mosteiro. Há uma ideia romântica da vida monástica – vida puramente “contemplativa”, vida calma e tranquila - que não corresponde em nada à realidade. Tem-se dificuldade em viver o cotidiano, a levantar cedo todos os dias, rezar sempre os mesmos salmos, uma vida recolhida, sem grandes acontecimentos, sem grandes passeios, sem televisão...Uma vida também de trabalho sério (é conhecido o lema beneditino, “Ora et labora”, “Reza e trabalha”). Esquece-se também a dimensão penitencial que sempre tem a vida cristã, ainda mais a vida religiosa e a vida monástica.

Para entrar no Mosteiro, tem que se ter uma ideia exata do que é ser monge:

- ▶ Saber, por exemplo, que não se ingressa no mosteiro para ser necessariamente padre, ninguém podendo exigir a ordenação sacerdotal.
- ▶ Saber o que é Ofício Divino (Liturgia das Horas) e a importância que tem na vida monástica. Os monges se reúnem várias vezes por dia para essa oração, composta essencialmente de Salmos: oração de louvor, oração de ação de graças, oração de súplica pelo mundo, pelos pecadores, pela salvação de todos os homens, pela Igreja, pelos pobres, pelos doentes, por muitas intenções particulares.
- ▶ Saber a importância da vida comunitária na vida monástica.
- ▶ Saber a importância do Abade, que faz as vezes de Cristo no Mosteiro, não sendo um simples superior.
- ▶ Saber a importância do silêncio e do recolhimento no Mosteiro.

Deve-se entrar no mosteiro por um chamado de Cristo e para viver com ele, a procurá-lo sempre mais, a amá-lo, servi-lo. Outras motivações são insuficientes para se perseverar.

Como saber se há um real chamado de Jesus Cristo para segui-lo?

Infelizmente não se ouve uma voz do céu, convidando-o a segui-lo em determinado lugar... Como é que Deus nos fala? Aqui começa o mistério. Deus fala uma linguagem que só o coração compreende. Mas ele fala-nos e chama-nos. Fala ao nosso coração, se ele for puro, aberto, disponível. Fala através de nossa consciência. Ele pode falar-nos através de encontros e acontecimentos os mais diversos. Fala-nos também através de nossas inclinações (p.ex., gosto pela leitura de livros religiosos, gosto pela liturgia...), de nossos dons, de nossas qualidades. Até nossos limites podem ser um sinal do chamamento divino.



Quem se preocupa com a pergunta: “Será que Deus me chama?”, poderia refletir sobre alguns sinais de reconhecimento da vocação:

- ▶ Inquietação interior sobre a atual situação de vida, sem motivo exterior concreto.
- ▶ “Onde está meu coração? Nas coisas da terra, ou nas coisas espirituais, em Deus?”
- ▶ Amor a Cristo e alegria na oração (amor à Santa Missa, de que participa com frequência, não só aos domingos, gosto pela leitura da Bíblia, especialmente dos Evangelhos e dos Salmos).
- ▶ Alegria no serviço à Igreja (p.ex., pertença a um movimento de Igreja, colaboração numa pastoral paroquial).
- ▶ Passando alguns dias no Mosteiro, examinar depois os seus sentimentos: saudades, desejo de voltar, ou receio, temor, interrogações diversas?

* * * * *

Regra de São Bento e as vocações

O texto fundamental da Regra de S. Bento que trata das vocações e aborda as admissões no Mosteiro é o capítulo 58. Não é seguido mais literalmente, eis que muitos séculos passaram, mas é seguido na sua essência.

A primeira questão, em relação ao candidato, do ponto de vista do mosteiro, é, como dissemos acima, se ele tem uma real vocação. Para o ingresso antigamente se provava o candidato, pondo-se dificuldades para ele entrar, e eram-lhe feitas até injúrias, críticas. Sem querer, pode-se ainda hoje ter algo no gênero. Por exemplo, não encontra a atenção que pensa merecer. Qual a atitude do candidato? Uns, a qualquer dificuldade, desistem e vão logo embora. Assim é sinal de vocação, se ele persevera, suporta pacientemente as dificuldades, insiste em seu pedido de ingresso.

O postulante e o noviço são ainda períodos de discernimento, períodos de prova já no interior do mosteiro. Durante este tempo os postulantes e noviços verificam sua real vocação e se formam na doutrina e disciplina monásticas. Para os monges da comunidade é o tempo de penetrar na vontade e qualidades do candidato e julgar suas aptidões.

O mestre de noviços deve sondar a intenção e disposições do recém-chegado e ensinar-lhe as práticas da vida monástica. São Bento o faz fixar a atenção nas qualidades que devem encontrar-se necessariamente no noviço para poder ser monge: a fundamental é a **sinceridade em buscar a Deus**. Esta é realmente a chave que abre de par em par as portas do mosteiro, o motivo essencial para que um homem possa chegar a ser verdadeiro monge. Do contrário, tudo é mentira e a vida do mosteiro não tem sentido. É



o ponto que deve ser esclarecido já antes de ingressar no mosteiro ou pelo menos no postulante e noviciado. Nos motivos humanos cabem tantas razões interessadas, insinceridades e ficções, que é necessário o máximo cuidado. Causas que tornam alguém inapto para ser monge são as intenções mesquinhas de um espírito materialista que busca um bem-estar temporal, livre de preocupações e uma relativa comodidade. Por outra parte devem ser objeto da mais estrita vigilância os enfermos, os que tem problemas psíquicos, que converterão o mosteiro num hospital e encherão de mal-estar a vida comum.

Três são as manifestações que provam a sinceridade na busca de Deus e que se derivam naturalmente desta: **a solicitude para com o ofício divino, a obediência e a humildade.**

A expressão “o ofício divino” (liturgia das horas) inclui aqui tudo o que se refere à vida de união com Deus. É necessário que o noviço demonstre um desejo ardente por esta união, lançando-se decidido pelos caminhos da vida espiritual, interessando-se por tudo o que se relaciona com ela, trabalhando por compreendê-la, exercitando-se em vivê-la e dando provas de encontrar uma satisfação a suas aspirações no ofício divino que prepara com interesse, celebra com atenção e retém com fruto. Irá se esforçar por apreender o latim a fim de melhor rezar, conforme o costume do Mosteiro do Rio de Janeiro. - Amor à missa diária. Amor à *lectio divina* diária. Gosto pela leitura de bons livros espirituais.

A obediência e a humildade (literalmente, “opróbrios”) compreendem toda a parte ascética e de purificação. Serão a melhor prova de seu desejo de aproximar-se de Deus. Se buscar a Deus verdadeiramente, a obediência lhe indica a vontade de Deus, e a humildade destrói o pior obstáculo que pode interpor-se em seu encontro. Portanto, se o desejo é sincero, se interessará por conhecer o que lhe exige Deus, e calcará sua soberba, inclusive nas coisas humilhantes e injuriosas.

S. Bento usa literalmente a palavra “opróbrio”: são as provações diversas, as dificuldades, encontradas no dia-a-dia da vida no mosteiro. Para suportá-las é necessário justamente humildade, paciência, perdão.

* * * * *

Autoavaliação e discernimento

Para admitir um candidato no Mosteiro, além de se exigir a idade mínima de 18 anos e como estudos o ensino médio completo, temos que verificar (e o próprio candidato deve procurar se autoavaliar com honestidade) se ele é maduro – maduro psicologicamente, maduro espiritualmente.



- ▶ Não tem distúrbios psicológicos? Não tem problemas familiares? Aliás, tem condições de viver longe da família? É arrimo de família? Não é demasiado apegado a ela? Não é inconstante? Dá indícios de saber o que quer? Se não é mais estudante, tem algum trabalho, uma atividade profissional? Tem condições para a vida comunitária, vida esta que exige caridade, perdão, paciência, equilíbrio? Tem condições de cumprir efetivamente os votos de pobreza, obediência e castidade?
- ▶ A vida monástica é uma vida de afastamento do mundo, de silêncio. O candidato está imbuído disto tudo?
- ▶ Qual a vida cristã que leva? Será recém convertido? Missa e comunhão diária ou frequente? Confissão frequente? Reza? Gosta de ler? Lê a Sagrada Escritura? Pertence a algum movimento da Igreja ou tem algum apostolado paroquial? Conhece o Catecismo? Foi crismado? Tem um diretor espiritual ou confessor habitual? Já não entrou em outro instituto religioso ou foi seminarista? É fiel ao Papa? Vive a castidade?

Enfim, o candidato tem que se interrogar sobre estas questões e manter uma correspondência com o monge encarregado das vocações. Oportunamente será convidado a passar alguns períodos no Mosteiro, para conhecê-lo de perto e ele próprio ser conhecido. Se morar no Rio de Janeiro poderá vir aqui várias vezes, frequentando a nossa igreja aos domingos e outros dias. Cada caso é um caso, mas normalmente se pede um discernimento de aproximadamente um ano.

Candidatos com mais de 35 anos são admitidos com muito discernimento, pois tem normalmente dificuldade em se adaptar à nova vida, a mudar hábitos antigos. Ele terá que conviver no dia-a-dia com postulantes e noviços com menos idade que ele, talvez com menos estudos e sem experiências profissionais, e não com os monges de sua idade. Para isso é necessária muita humildade.

Candidatos com menos de 18 anos e sem o Ensino Médio completo, podem já iniciar um discernimento, conhecer o Mosteiro, se preparar para um eventual ingresso na época oportuna. Devem procurar estudar para ter uma boa base cultural, que será depois importante para os estudos monásticos.

Esta preparação deve ser feita por todos com oração insistente e a leitura de bons livros, para que o Espírito Santo mostre o que quer de cada um. Todos precisam de luzes do alto, mas também um pouco de ousadia, com sentimentos de entrega e confiança em Deus. Se ele realmente chama, dará as forças necessárias ao ingresso.

As entradas no Mosteiro se dão normalmente nos dias que antecedem o início da Quaresma, ou seja, em fevereiro. Entra-se no postulante, o qual dura normalmente cerca de nove meses. Só então se dá o ingresso oficial no mosteiro, na condição de noviço. O noviciado tem a duração de dois anos.



* * * * *

Leituras bíblicas recomendadas para a oração, a meditação:

- ▶ Mt 4, 18-22: chamado dos quatro primeiros discípulos (cf. Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11)
- ▶ Jo 1, 35-51: os primeiros discípulos
- ▶ Mt 9, 9: chamado de Mateus (cf. Mc 2,13-14; Lc 5, 27-28)
- ▶ Mt 8, 18-22: exigências da vocação apostólica (cf. Lc 9, 57-62)
- ▶ Mt 16, 24-28: condições para seguir a Jesus (cf. Mc 8, 34-38; Lc 9, 23-26)
- ▶ Mt 19, 16-30: o jovem rico. O perigo das riquezas (cf. Mc 10,17-22; Lc 18, 18-23)
- ▶ Is 6, 1-8: vocação do profeta Isaías
- ▶ Jr 1, 4-10: vocação do profeta Jeremias
- ▶ 1 Sm 3, 1-10: Deus chama Samuel

* * * * *

Palavras do Papa Francisco

“É a vocação que o próprio Jesus viveu. Como reconhecê-la? Como segui-la? Rezar e caminhar na Igreja. Essas duas coisas caminham juntas, são interligadas. Na origem de toda vocação à vida consagrada existe sempre uma forte experiência de Deus, uma experiência que nunca se esquece. É Deus quem chama. Por isso, é importante ter uma relação cotidiana com Ele. (...)”

“Gostaria de dizer algo com força, especialmente hoje: a virgindade pelo Reino de Deus não é um “não”, é um “sim”! Certamente, comporta a renúncia a um vínculo conjugal e a uma família própria, mas na sua base está o “sim”, como resposta ao “sim” total de Cristo para conosco, e este “sim” [nos torna] fecundos

A família é a vocação que Deus escreveu na natureza do homem e da mulher, mas há uma outra vocação complementar ao matrimônio: o chamado ao celibato e à virgindade pelo Reino dos céus. É a vocação que o próprio Jesus viveu. Como reconhecê-la? Como segui-la? É a terceira pergunta que vocês me fizeram.

E respondo para vocês com dois elementos essenciais: rezar e caminhar na Igreja. Estas duas coisas devem seguir juntas, são interligadas. Na origem de cada vocação à vida consagrada existe



sempre uma experiência forte de Deus, uma experiência que não se esquece, que se recorda por toda a vida! Foi o que aconteceu com Francisco. E isso nós não podemos calcular ou programar. Deus nos surpreende sempre! É Deus que chama; porém é importante ter uma relação cotidiana com Ele, escutá-Lo em silêncio diante do Tabernáculo e no íntimo de nós mesmos, falar com Ele, aproximar-se dos Sacramentos. Ter esta relação familiar com o Senhor é como ter aberta a janela da nossa vida para que Ele nos faça ouvir sua voz, o que Ele quer de nós. Seria belo ouvir vocês, ouvir os padres aqui presentes, as freiras... Seria bellissimo, porque cada história é única, mas todas partem de um encontro que ilumina no profundo, que toca o coração e envolve toda a pessoa: afeto, intelecto, sentidos, tudo.

A relação com Deus não diz respeito somente a uma parte de nós mesmos, diz respeito a tudo. É um amor tão grande, tão belo, tão verdadeiro, que merece tudo e merece toda a nossa confiança. E uma coisa gostaria de dizer com força, especialmente hoje: a virgindade pelo Reino de Deus não é um “não”, é um “sim”! Certo, comporta a renúncia a um elo conjugal e uma própria família, mas na base está o “sim”, como resposta ao “sim” total de Cristo para conosco, e este “sim” os torna fecundos.